



Cap sur l'école inclusive
en Europe



Ficha de Pesquisa

COOPERAR PARA TORNAR A ESCOLA MAIS INCLUSIVA

Tronco do módulo/ E

1/ Temática abordada : A COOPERAÇÃO

Em França, a escolaridade e inclusão dos alunos em situação de handicap são uma questão de justiça e de direitos. Muitos deles ainda são discriminados e o seu acolhimento na escola da República francesa é problemática. A desinstitucionalização permanece um conceito que tem dificuldade em encontrar uma resposta nas práticas profissionais e o domínio do sector médico sobre o handicap é ainda muito forte. Os atores no terreno têm entre mãos a possibilidade de fazer progredir as mentalidades e o sistema segregador atual ao desenvolverem **cooperações** para quebrar as fronteiras marcadas pela existência de estabelecimentos especializados.

Seis relações cooperativas são descritas nesta ficha como pilares necessários para apoiar o edifício da escola inclusiva.

- ⇒ Convido-vos a ler a ficha de boas praticas : « Cooperar para melhor incluir através de práticas artísticas e culturais – Espetáculo a Odisseia » que explica através do exemplo de um projeto pedagógico como é realmente possível construir pontes e unir as crianças através do objetivo de desenvolver as práticas artísticas e culturais para todos.

2/ Contexto :

Em França, inclusão é uma igualdade de direitos para todos

O quadro legislativo da escolaridade dos alunos em situação de handicap evoluiu durante os últimos anos. No seguimento da lei de 11 de fevereiro de 2005 que concede o direito à escolaridade para todos os alunos em situação de handicap, a escola inclusiva defendida depois da lei de Reforma da Escola da República de 2013 trouxe uma mudança sistémica.

Esta mutação da nossa escola é uma mudança de visão que inverte o princípio da educação especializada para tornar acessível uma educação para todos. Os profissionais da educação e os atores locais envolvidos devem renovar as suas práticas para que elas reflitam essa mudança.

Entretanto, um certo número de atitudes e obstáculos impedem ainda a escolarização destas crianças em situação de handicap e especialmente a das crianças e adolescentes autistas.

O cuidar do handicap e mais especificamente da escolarização dos alunos em situação de handicap insere-se hoje numa evolução histórica que resultou no conceito de inclusão. A Inclusão é “ o ato de incluir qualquer coisa num todo, um conjunto; é o estado de qualquer coisa que é incluída noutra coisa”¹. A noção de inclusão opõe-se à de exclusão. O objetivo é portanto incluir todos os alunos qualquer que seja a sua diferença e deve significar a igualdade de direitos para todos.

De acordo com os tratados internacionais¹, o legislador francês preferiu escolher desencadear uma transição que permita construir uma sociedade inclusiva. Atualmente, a lei permite-o. No entanto, ela não está suficientemente aplicada e constatamos que as políticas públicas verdadeiramente inclusivas estão a lutar para se aplicarem, que o nosso sistema educativo ainda está constrangido e que a falta de formação – da sociedade e especialmente dos professores – sobre as problemáticas do handicap o que impede uma implementação adequada.

Levantam-se várias questões quando consideramos a inclusão como um dado da equação. Como podem agir os atores no terreno apesar de tudo? como tornar mais acessível o mundo para as pessoas que têm um funcionamento diferente? Como adaptar a nossa escola para a tornar mais acessível aos alunos diferentes ? A cooperação pode ser uma hipótese de trabalho pertinente ? Ela pode ser uma alavanca para fazer cair as barreiras rígidas do nosso sistema escolar ainda muito compartimentado e de fazer evoluir essa situação ?

A problemática dos IME: Como fazer cair as barreiras da segregação?

¹ Perrenoud Philippe, *Apprendre à l'école à travers des projets : pourquoi ? Comment ?*. Éducateur, n° 14, décembre 2002.

Em França, a escolarização das crianças com handicap em ambiente regular é preconizada. Entretanto, o por em prática é ainda problemática por causa da organização do sistema educativo, pela ausência de formação de professores e pela falta de acompanhamento adequado. O acolhimento das crianças e adolescentes com um handicap mental, autistas ou multideficientes é muitas vezes privilegiada no seio dos estabelecimentos médico- sociais.

Não podemos ficar satisfeitos com esta situação que exclui uma parte importante de pessoas da sociedade.

Portanto, face a esta constatação, como aproximar os estabelecimentos especializados das escolas a fim de melhor incluir as crianças e adolescentes num ambiente regular? Como construir um acompanhamento educativo adaptado baseado nos resultados da pesquisa científica ?

3 / Finalidade:

Enquanto professor especializado a trabalhar no IME, a minha reflexão leva-me a refletir sobre as nossas práticas e especialmente sobre a pedagogia do projeto que me parece particularmente interessante para trabalhar a **cooperação**.

Para Philippe Perrenoud², uma diligência de projeto :

- « *é um trabalho coletivo gerado pelo grupo de alunos.*
- *orienta-se para a uma produção concreta no sentido lato.*
- *está induzido de um conjunto de tarefas nas quais todos os alunos podem participar e ter um papel ativo que pode variar em função dos seus meios e dos seus interesses.*
- *Suscita a aprendizagem de saberes e de saber-fazer de gestão do projeto (decidir, planificar, coordenar...)*
- *ao mesmo tempo favorece as aprendizagens identificadas (pelo menos depois disso) que*

² Perrenoud Philippe, *Apprendre à l'école à travers des projets : pourquoi ? Comment ?*. Éducateur, n° 14, décembre 2002.

fazem parte do programa de uma ou de várias disciplinas. »

Por conseguinte, por em prática a **pedagogia de projetos**³ pode ser um apoio de trabalho excelente para criar a abertura que falta nos estabelecimentos especializados para criar as condições para a sua integração no meio regular.

Há um verdadeiro desafio educativo pra aproximar dois mundos separados. O da Educação nacional e o do sector médico-social. Através dos projetos, ao misturar os grupos, podemos criar a aproximação que o sistema educativo francês ainda não organizou.

Ao quebrarmos as fronteiras, permitiremos às crianças e adolescentes com handicap progredirem e eliminaremos os obstáculos que contribuem para mudar o olhar e os comportamentos e aprender melhor a vivermos todos em conjunto. Assim, os projetos entre estabelecimentos podem criar pontes para que essas situações possam ocorrer. A cooperação na escola tem, assim, um papel central na nossa sociedade que procura tornar-se mais inclusiva.

Cooperar para melhor incluir

Sylvain Connac, doutor em ciências da educação, professor associado na universidade Paul Valéry de Montpellier e fervoroso defensor da pedagogia cooperativa, apresenta a seguinte definição⁴ :
« *Cooperar é agir em conjunto , fazer em conjunto, produzir em conjunto ».*

Os trabalhos de Alain Marchive também trouxeram à luz a ação cooperativa que assenta sobre quatro fundamentos : a ajuda, a entreaajuda, o trabalho em grupo e a tutoria.

- A ajuda: O perito traz a sua ajuda á pessoa que dela necessita.
- A entreaajuda : associação de pares para resolver um problema.
- O trabalho em grupo:: Associação de pares em que cada um tem um papel pre definido para resolver um problema.
- A tutoria: o perito reconhecido, durante algum tempo e sobre um objetivo preciso, traz a sua

³ Dossier d'actualité veille et analyses, Institut Français de l'Education (Ifé), n°82, février 2013.

⁴ Connac Sylvain, *Apprendre avec les pédagogies coopératives. Démarches et outils pour l'école*, Paris, ESF éditeur, collection pédagogies (2009).

ajuda a uma pessoa para que ela se torne autónoma.

A cooperação opõe-se à competição que é « *a ação de procurar obter ao mesmo tempo que os outros título, a mesma posição, ou dignidade, a mesma função...* »⁵

Cooperar, é, literalmente, operar em conjunto, é « *participar numa obra comum* ». cooperar é também um « *modo de ação pelo qual os indivíduos ou famílias que têm interesses comuns constituem uma empresa onde os direitos de todos são iguais e onde o lucro alcançado é repartido equitativamente entre os seus associados de forma proporcional à sua participação na sociedade.* »

Deste modo, há lucros mútuos fruto da cooperação numa relação humana. Cada indivíduo empenhado numa dinâmica de cooperação beneficiará das vantagens da *obra comum* que serão repartidas equitativamente entre os participantes. Os investigadores em pedagogia cooperativa têm centrado os seus trabalhos principalmente na direção das aprendizagens dos alunos.

Os seis pilares da cooperação para tornar a escola inclusiva⁶

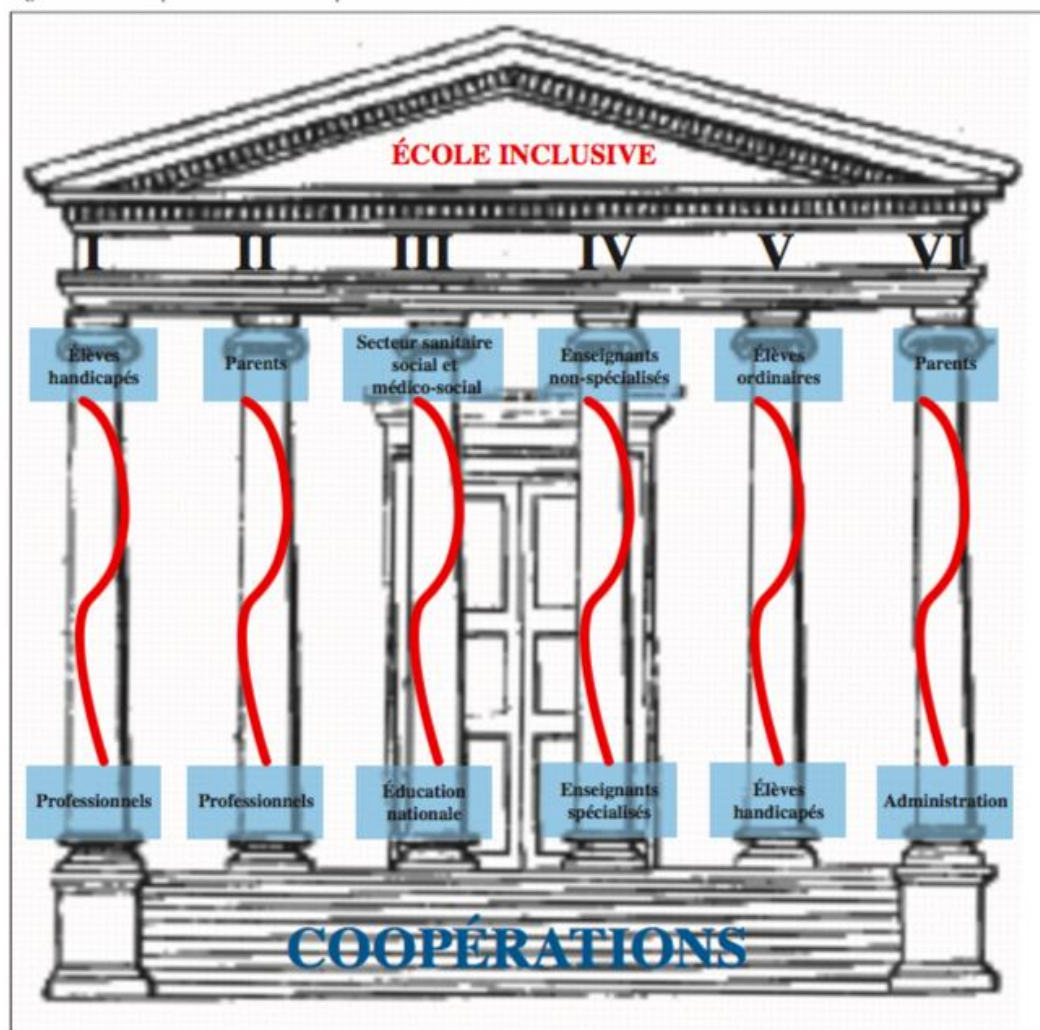
O desafio de uma sociedade inclusiva é o de juntar no seio da sua escola todos os alunos, qualquer que seja a sua singularidade. Todavia, certas necessidades precisam de um acompanhamento humano e/ou material específico. Sem menosprezar a sua importância, a multiplicidade de atores que intervêm no domínio do handicap complica a nossa capacidade de ação individual. Ela obriga-nos a refletir de modo coletivo e a agir de modo coordenado.

Tal como seis pilares suportam o edifício da escola da República, seis cooperações parecem-me fundamentais para progredir para uma escola inclusiva:

⁵ <http://www.larousse.fr>

⁶ PAOLINI, O. (2017). *Coopérer pour rendre l'école plus inclusive*. A.N.A.E.n°150, novembre - décembre 2017.

Figure 1. Les six coopérations fondamentales pour rendre l'école inclusive.



No seio de cada coluna, se um dos dois parceiros não cooperar, o acesso à escola inclusiva fragilizará o pilar. Se um ou mais pilares ficarem fragilizados, ver os ausentes, então o acesso à escola inclusiva ficará comprometido.

Pilar I – Cooperação entre os profissionais e as crianças ou adolescentes em situação de handicap.

Pilar II – Cooperação entre os profissionais e os pais.

Pilar III – Cooperação entre a Educação nacional e o sector sanitário, social e médico-social.

Pilar IV – Cooperação entre professores especializados professores não-especializados.

Pilar V – Cooperação entre alunos regulares alunos em situação de handicap

Pilar VI – Cooperação ente a administração e os pais das crianças e adolescentes em situação de handicap

4/ Limites :

Fazer cair as barreiras dos estabelecimentos que têm funcionamentos diferentes e administrações fechadas é difícil porque isto vai contra organizações e hábitos de anos. Criar laços com os pais para alcançar a coeducação com os pais é também uma finalidade primordial.

A dificuldade da sociedade inclusiva está aqui: conseguir aproximar as culturas e tecer relações de cooperação entre pessoas provenientes de meios e culturas diferentes.

Aceitar a cooperação é considerar o outro, reconhecê-lo como competente e estabelecer com ele uma relação de confiança. É uma relação de equilíbrio que é por vezes difícil de estabelecer uma vez que os desafios podem ser complexos. A aprendizagem da postura do «deixar ir» é necessária e é uma exigência pessoal de cada momento.

6 / Perspectivas :

Permitir às pessoas dos estabelecimentos médico-sociais trabalhar com professores das escolas regulares favorece a aproximação. É de facto essencial que as culturas de uns e de outros se aproximem. Conhecerem-se melhor permite conseqüentemente considerar a externalização das unidades de ensino no seio das escolas regulares e de avançar em direção à inclusão.